

**IMPLICATURAS E HUMOR  
NAS TIRINHAS DE ARMANDINHO**

*Rosa Maria A Nechi Verceze (PUC/SP; UNIR)*

[rosa\\_nechi@hotmail.com](mailto:rosa_nechi@hotmail.com)

*Marcilene de Assunção (UNIR)*

*Mirlene Batista Sá (UNIR)*

**RESUMO**

O estudo procura analisar as máximas conversacionais e a violação das máximas em tirinhas de humor do personagem Armandinho, criado pelo cartunista Alexandre Beck. As máximas conversacionais são pressupostos que devem ser seguidos para que a comunicação ocorra de forma eficaz, conforme preconiza Herbert Paul Grice (1982) nos estudos pragmáticos da comunicação. A não observância das máximas na conversação gera implicatura, que é o que não foi dito de forma explícita, mas que precisa ser inferido para a completa compreensão do significado do texto.

**Palavras-chave:** Implicaturas. Máximas conversacionais. Tirinhas.

**1. Introdução**

O ápice da comunicação está no ato de se compreender e ser compreendido, entretanto este ato é muito suscetível a desequilíbrios que muitas vezes prejudicam, alteram ou até impossibilitam a compreensão das falas. Devido a esses desequilíbrios que efetivamente ocorrem na comunicação é que o estudo sobre a linguagem vem em franca evolução buscando respostas para as fragilidades e potencialidades da língua, seja pela psicologia, filologia, semântica, sintaxe, seja pela pragmática.

Dentre as formas em que a linguagem acontece, a fala é a que apresenta mais recursos, é dinâmica, certas peculiaridades reforçam seu desempenho, como tom de voz, intensidade na pronúncia de certas palavras, pausas, acelerações na fala, tudo isso associado a gestos, olhares e outros mais elementos paralinguísticos.

Os elementos paralinguísticos, segundo Mikhail Bakhtin (1999, *apud* CAMPOS & CRUZ, [s.d.]) são realizações ou manifestações não-verbais que contribuem para a unidade temática da enunciação, uma vez que o sentido de um enunciado não é apenas definido por unidades verbais, mas também por elementos não-verbais presentes em toda e qualquer situação de fala.

O presente estudo procura analisar a violação das máximas conversacionais através das tirinhas de Armandinho à luz das implicaturas de Herbert Paul Grice (1982) que advém da teoria do princípio de cooperação. Há a abordagem teórica sobre as ciências linguísticas: sintaxe, semântica e pragmática. Uma apresentação da teoria do princípio de cooperação de Herbert Paul Grice (1982), as implicaturas e a violação das máximas conversacionais. E a análise de tiras mostrando que as máximas conversacionais podem ser violadas nas falas sem causar danos. A leitura das tiras através do humor gerado pelas implicaturas tem o intuito de estimular o leitor e fazê-lo refletir criticamente sobre a problemática política social que a sociedade vive.

## **2. Estudos da linguagem: sintaxe, semântica e pragmática**

Dentro dos estudos linguísticos, a sintaxe se ocupa das relações entre os signos como unidades básicas e das regras combinatórias desses elementos linguísticos. Estrutura e ordena os signos na frase, entretanto o significado não é considerado. Por exemplo: *A árvore verde comeu o cipó*. No exemplo, os termos têm sua significação individual e estão ordenados de acordo com as regras, no entanto, o enunciado não possui significação.

A semântica vai além das regras, diz respeito ao estudo do significado das palavras e expressões, livre do contexto, contemplando mais o estudo dos enunciados, pois além da estruturação, os enunciados devem fornecer informação. Para a semântica o enunciado deve ter um significado. Por exemplo: *A região Norte do Brasil é quente e úmida*. Os termos estão ordenados de forma que é possível analisar sintática e semanticamente, uma vez que o enunciado emite uma verdade, sendo possível obter um significado.

Mesmo com o estudo mais abrangente da semântica, esta não contempla a explicações em casos como o seguinte: – *Traga isso aqui*. (Uma mãe dizendo ao filho). Ficam dúvidas sobre: o que a mãe quer que o filho traga, quem irá receber o que se pede e onde acontece ação.

Diante a esses fatos, surge o questionamento de como é possível comunicar-se. Tais fatos só podem ser explicados através do contexto em que o enunciado foi dito. Assim, surge a pragmática, uma nova ciência para o estudo do uso linguístico, complementando as lacunas existentes.

A pragmática estuda as condições em que ocorre a prática lingüís-

tica. Apresenta uma abordagem bem mais ampla, contemplando os estudos sintático-semânticos, pois ao analisar os enunciados observa também a diversidade do seu uso e a multiplicidade dos contextos.

Segundo Lucienne Claudete Espíndola (*apud* MARCONDES, 2005, p. 27),

Isso equivale a ir além do significado das palavras e da estrutura sintática e do valor de verdade das sentenças para incluir os elementos contextuais que fazem com que o significado, em uma acepção pragmática, dê conta de mais do que é explicitamente dito na interação linguística e torne possível a análise dos atos realizados por meio da linguagem.

Os estudos pragmáticos ganharam força com John Langshaw Austin (1965) ao apresentar a teoria dos atos da fala. Outro grande colaborador foi Herbert Paul Grice (1982) que apresentou o princípio da cooperação. Tanto John Langshaw Austin quanto Herbert Paul Grice abordaram a importância da análise do contexto para compreensão do significado das falas.

Segundo John Langshaw Austin (1965), na teoria dos atos de fala, a linguagem não tem uma função descritiva, mas uma função de agir. Como bem esclarece José Luiz Fiorin (2003, p. 166) “Ao falar, o homem realiza atos. Por exemplo, ao dizer *Eu lhe prometo vir*, o ato da promessa é realizado quando se diz *Eu lhe prometo*”. Para que a ação se realize há necessidade de o enunciado ser dito, porque a ação se concretiza ao dizer. Podemos citar, para exemplificar, a determinação de um juiz: *Eu te condeno a 20 anos de prisão*.

Nos exemplos acima, a comunicação se realiza quando a fala é dita pela pessoa que possui competência para a realização do ato, no momento, tempo e situações adequadas.

A partir de então, os estudos sobre a linguagem se intensificaram e os estudos da pragmática ganham destaque enquanto ciência linguística que aborda a relação entre signo e usuários mediante ao contexto em que ambos estão inseridos.

Segundo os estudos pragmáticos, o contexto no momento em que se realiza a fala é imprescindível para a efetivação da comunicação. Há momentos em que as palavras podem dizer muito e outros em que nada acrescentam. Ao perceber esses desequilíbrios da comunicação, Herbert Paul Grice (1982) elencou os princípios de cooperação que devem estar presentes em uma comunicação eficaz.

### **3. Princípios da cooperação de Grice**

Uma das maiores contribuições de Herbert Paul Grice foi com o conceito do princípio da cooperação. Suas ideias foram conhecidas nas palestras de William James, proferidas em Harvard em 1967 e apenas parcialmente publicadas com autorização do autor em 1975 com o título *Logic and Conversation*.

Segundo Herbert Paul Grice (1982) quando dois indivíduos estão dialogando, existem leis implícitas que regem o ato comunicativo, mesmo inconscientemente, porque os diálogos não consistem em uma sucessão de palavras desconectadas. Os interlocutores trabalham a mensagem linguística de acordo com certas normas comuns que caracterizam um sistema cooperativo entre ambos, para que as informações possam ser trocadas da melhor forma possível.

Este sistema cooperativo consiste no reconhecimento dos falantes de que há um propósito na conversa e que eles se comprometem em cooperar para que este propósito seja atingido. Assim, para Herbert Paul Grice (1982, p. 86) o princípio de cooperação é: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”.

Entende-se, então com esse princípio, que os participantes de um diálogo cooperam entre si para que haja a compreensão do que o falante quer dizer. Porém, o que interessa para Herbert Paul Grice (1982) não são as ocorrências dessa interação entre falante e ouvinte. Sua intenção é justamente analisar a violação desse princípio. Quando o locutor não utiliza de todos os meios linguísticos na enunciação, há a quebra do princípio da cooperação e suas máximas. Essa quebra deixa marcas na conversa sobre o seu real sentido, gerando assim uma implicatura. Estes conceitos foram apresentados por Herbert Paul Grice em *Lógica e Conversação* (1982) e serão brevemente expostos no tópico a seguir.

#### **1.1. As implicaturas e violações das máximas conversacionais**

De acordo com Herbert Paul Grice (1982) num ato de conversação há os explícitos e os implícitos. Os explícitos consistem em tudo o que foi dito de forma clara e objetiva, não necessitando, portanto de grande desenvoltura e cooperação do falante para que o ouvinte compreenda o que foi dito. Já os implícitos consistem em tudo o que não foi dito

de forma clara, objetiva, seja de forma intencional ou não. A essas expressões não ditas, mas que precisam de “esforço” do falante e do ouvinte para compreensão da conversação, Herbert Paul Grice dá o nome de implicatura. A implicatura é o que não foi dito, mas que deveria ser dito, é o indicado, o insinuado, o sugerido pelas inferências.

As implicaturas distinguem-se em: implicatura convencional e conversacional. A primeira diz respeito ao que está implicado de maneira convencional, aquele significado que normalmente é implicado nos contextos comuns utilizados pelo falante. Já a segunda, as implicaturas conversacionais fogem das situações comuns da fala. É exigido ao ouvinte inferir um significado bem diferente daquele enunciado literal para a compreensão da mensagem do falante naquele contexto, formulando hipóteses sobre os motivos pelos quais o falante não está cooperando com o diálogo e implicar o real significado do que foi dito.

O contexto é elemento imprescindível para a análise das implicaturas. Herbert Paul Grice (1982, p. 83-84) ressalta sua importância ao afirmar que:

[...] de que não se pode garantir a inteligibilidade completa de uma expressão sem que uma explicação ou análise de sua significação tenha sido dada”

[...] e que tal erro resulta de não se prestar a devida atenção à natureza e importância das condições que governam a conversação. Por essa razão, passo agora a examinar as condições gerais que, de uma ou outra forma, se aplicam à conversação como tal, independentemente de seu assunto. (GRICE, 1982, p. 83-84)

Inspirado em Immanuel Kant, Herbert Paul Grice (1982) divide o princípio da cooperação em categorias que são: quantidade, qualidade, relação e de modo. As categorias por sua vez são formadas por máximas e submáximas, e essas se fundamentam na competência comunicativa do falante, pois cabe a este no momento do diálogo se pautar pelas leis naturais de conversação, evitando assim a quebra das máximas.

Para Herbert Paul Grice, ao seguir as categorias das máximas e submáximas estar-se-ia dessa forma colocando-se em prática o princípio da cooperação, ao tomar possível a compreensão da conversação.

As categorias também podem ser chamadas de máximas e se apresentam em forma de:

#### ***Categoria da Quantidade –***

está relacionada com a quantidade de informação a ser fornecida e apresenta as seguintes submáximas:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida, conforme propósito da conversação.

Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

### ***Categoria da Qualidade*** –

trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira, tendo por submáximas:

Não diga o que você acredita ser falso.

Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

### ***Categoria de Relação*** –

apresenta uma única máxima - Seja relevante.

### ***Categoria de Modo*** –

ligado à máxima: Seja claro - e possui as submáximas abaixo:

Evite obscuridade de expressão

Evite ambiguidades

Seja breve

Seja ordenado

Para uma melhor compreensão das máximas conversacionais, os exemplos evidenciam a ocorrência de violações das máximas em quatro categorias criadas por Herbert Paul Grice (1982).

### ***Categoria da violação da máxima de quantidade.***

(excesso ou falta de informação).

- (A) Por que você gosta tanto de rosa?
- (B) Eu gosto de rosa, porque quando eu era pequena, meu quarto era rosa bebê. Só o meu berço era branco, mas tinha detalhes rosa. A cortina também era rosa com detalhes brancos. Já minhas roupas eram *pink*, rosa, rosa bebê, salmão. Mas a maioria era ro-

sinha. Por isso adoro rosa!

Observa-se claramente o excesso desnecessário de informação para justificar o gosto pela cor rosa.

***Categoria da violação da máxima de qualidade***

(informação falsa ou dúbia).

- (A) Você viu como a Maria agiu hoje cedo?
- (B) Não vi, mas todos comentaram como ela é chata e prepotente. Ela é muito arrogante mesmo.

Essa máxima e as submáximas tratam sobre a verdade, em dizer apenas aquilo que tenha evidência adequada e que não seja falso. Assim, no diálogo acima se percebe que (B) não sabe o que houve e comenta sem saber a verdade, sem ter evidências, violando a máxima da qualidade.

***Categoria da violação da máxima de relação***

(seja relevante/sem rodeios).

- (A) Nossa! Como a noite está linda e agradável hoje.
- (B) Sim, está mesmo.
- (A) Seu perfume está maravilhoso!
- (B) Hum! sei. Obrigada! Mas o que mesmo você está querendo?
- (A) Você quer sair comigo hoje à noite?
- (B) Ah, sim. Quero!

Neste exemplo, (A) faz rodeios até chegar ao objetivo da conversa que é convidar (B) para sair. A falante (A) conversa sobre assuntos sem relevância para o pedido que quer fazer a (B).

***Categoria da violação da máxima de modo***

(seja claro).

- (A) Onde você estava ontem?
- (B) Fui ver o cavalo do meu cunhado.

Observa-se acima a quebra da máxima de modo pela ambiguidade, porque não é possível identificar se a palavra cavalo, refere-se ao animal ou um tratamento pejorativo dado ao cunhado.

É preciso deixar claro que a violação das máximas muitas vezes ocorre de forma intencional, para que fique subentendido algo que não deveria ser dito de forma explícita ou dito de modo irônico, como bem destaca José Luiz Fiorin (2003, p. 181) ao dizer que há alguns discursos que se constroem exatamente violando as máximas conversacionais, como ocorre no discurso poético que cultiva a ambivalência, no discurso eufêmico que infringe a máxima da quantidade e no discurso irônico viola a máxima da qualidade.

#### **4. Metodologia**

De maneira geral, compreendem-se como gêneros textuais as diversas formas de organizar as informações linguísticas de um texto, dependendo de cada situação de comunicação, do papel dos interlocutores e da finalidade do texto. O artigo científico, a carta, a receita de remédio e as histórias em quadrinhos são alguns dos gêneros textuais.

A tirinha, classificada como subgênero do gênero histórias em quadrinhos é definida por Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias, *apud* Luan Tales de Araujo Brito e Solange da Silva Elias (2011), como sendo uma estrutura em enunciados curtos, constituídos em balões, com comunicação verbal e não verbal, com a finalidade de gerar crítica e humor. Na atualidade, elas são lidas por todo tipo de público e com temas diversos: infantil, situações rotineiras, político, otimista.

O corpus do presente estudo é constituído por tirinhas cômicas de Armandinho, personagem das tirinhas.

Armandinho foi criada pelo cartunista Alexandre Beck, cujas publicações são feitas em redes sociais do autor. Nesta análise serão apresentadas nas tiras a violação das máximas conversacionais e as inferências - as implicaturas estudadas por Herbert Paul Grice (1982).

As tirinhas de humor, cujo objetivo está além de ser um simples entretenimento, visa também instigar no leitor uma opinião crítica ou reflexão sobre situações atuais da sociedade, despertando nele uma reflexão crítica e uma construção de sentido pela leitura.

Tendo em vista que o humor é gerado não só por aquilo que foi



dito, mas também por aquilo que não foi dito; É sugerido através da análise do contexto: que pode ser a linguagem verbal e não verbal e também o contexto social.

## 5. *Análise das tirinhas de Armandinho*

Na primeira tirinha, no quadro 1, o pai de Armandinho informa ao filho que no jantar terá um pato. Ao receber essa informação, (considerando que Armandinho é uma criança) ele interpreta a palavra pato com sentido diferente do pai. O pai (enquanto falante) espera que Armandinho compreenda que “o pato será a refeição”. Porém, o pai viola a máxima de quantidade por falta de informação, pois não dá dados suficientes sobre como será esse pato.

### 5.1. Tirinha 1



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandininho?fref=ts> (2015)

No quadro 2, Armandinho já fez a implicatura que receberia visita para o jantar e demonstra felicidade na sua fala. Porém, o quadro 3 expressa que essa implicatura gerou um significado diferente do seu pai, causando assim o humor da tirinha. O pai compreendeu o pato como refeição para o jantar enquanto Armandinho compreendeu o pato como convidado para jantar ao dizer “Ele pode sentar ao meu lado”. Isto causou a violação da máxima de quantidade, houve pouca informação, falta de informação suficiente para a compreensão de ambas as personagens sintonizarem a mesma ideia de que o jantar seria um prato de pato assado ou cozido etc.

## 5.2. Tirinha 2



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho?ref=ts> (2015)

Neste exemplo, no quadro 1, o pai de Armandinho repreende o filho sobre a forma como ele está pintando. No quadro 2, ele explica que o filho não entendeu a forma como deveria pintar, mas em sua fala utilizou a expressão “espírito da coisa”, que gerou ambiguidade. Pois na língua portuguesa a palavra “espírito” pode ser compreendida como “alma”, mas também em certas colocações significa “a maneira, o jeito”.

No quadro 3, Armandinho, confirma a violação da máxima de modo, porque infere um significado diferente do pretendido, Tendo em vista que no seu mundo infantil a palavra “espírito” tem somente o significado de alma. O humor da tirinha está nessa implicatura que ele faz baseado em seu conhecimento de mundo. Quando diz “Como pegaria? não sou médium”. A criança vive num mundo da fantasia, para ela compreender o que é ser médium é fácil, pois é o sobrenatural que está em seu mundo, mas entender a expressão “pegar o jeito” que se refere a aprender a pintar, a criança não absolve, é ainda abstrato para sua compreensão.

## 5.3. Tirinha 3



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho?ref=ts> (2015)

No quadro 1, o pai de Armandinho o questiona com espanto como ele conseguiu errar a questão da prova. No quadro 2, diante do contexto

do enunciado da questão, o pai explica que a resposta era óbvia, água. Observa-se que o enunciado da questão gera uma implicatura convencional.

No quadro 3, considerando a categoria da relação em que consiste na aplicação da máxima: seja relevante e evite assuntos alheios ao objetivo do diálogo, ocorre a violação dessa máxima, quando Armandinho contradiz este contexto, pois ele responde “amor”. O conhecimento de mundo de Armandinho não o permitiu inferir que a resposta da questão seria “água”. O humor ocorre então neste quadro, quando Armandinho fala a resposta que colocou na prova, respondendo “amor”. O objetivo desta tirinha, além de gerar humor, é levar o leitor a reflexão sobre a importância do amor. Não é só água que é importante a todos os seres vivos, sabemos que é preciso economizar água para nossa sobrevivência futura, mas o amor está acima da necessidade da água. E a sociedade precisa de amor, há muita violência no mundo, muita desunião, pessoas se matando, pessoas sendo mortas, outras sem rejeitadas em países, guerras estão durando anos sem solução etc.

#### 5.4. Tirinha 4



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandininho?fref=ts> (2015)

Esta tirinha apresenta o diálogo entre Armandinho e seus amigos a respeito da nota de uma prova em que Armandinho tirou dez. No quadro 1 por não estar disponível a parte inicial da fala da menina chamada Fê, já ocorre a violação da máxima de quantidade com falta de informação, levando o segundo falante, Pudim, a fazer uma implicatura do que Fê quis dizer. Assim, quando Pudim se aproxima dos colegas e ouve a conversa dos amigos: “*uma nota não significa muita coisa*”, Pudim logo implicou que o Armandinho não tinha tirado uma boa nota. Em seguida, Pudim pergunta aos amigos sobre a nota, neste momento, ele viola uma segunda máxima, a máxima da qualidade, porque não contribui com uma

sentença verdadeira. Porque, conforme a teoria de Herbert Paul Grice (1982), na submáxima da qualidade, cuja definição diz: não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada. Pudim, sem ter evidências claras da informação sobre a nota, já o chamou de forma pejorativa, usando a expressão “burrardo” em *Ah! Quanto o burrardo tirou agora?*

No quadro 2, há a confirmação da violação da máxima, o que gera o humor da tirinha, pois Pudim, amigo de Armandinho, ao receber a notícia de que a nota foi dez, sua expressão é de surpresa e pela sua fisionomia mostra que ficou despeitado.

No quadro 3, o amigo de Armandinho demonstra sua indignação na sua fala com relação à boa nota de Armandinho.

É possível observar outra violação das máximas gricerianas, no momento em que Pudim diz “*e escola pública é moleza*”. Nessa fala de maneira explícita o menino rotula a escola e implicitamente também rotula Armandinho de forma desprezível. Ao perceber que Armandinho obteve uma boa nota na prova, o menino justifica a nota ao atribuir o bom resultado da prova pelo fato de Armandinho estudar em uma escola pública e não pela capacidade de aprendizagem e de conhecimento do menino. Tem-se então um exemplo da violação da máxima de relação.

Na verdade, o amigo só estava tentando menosprezar a nota de Armandinho, não importava qual escola ele tenha estudado. Contudo, esta fala não é aleatória, ela cumprir o objetivo do autor que é induzir o leitor a uma reflexão sobre a qualidade do ensino na escola pública. Observa-se claramente uma crítica social à educação pública, que permite inferir que o ensino público se encontra em péssimas condições educacionais e com um ensino defasado. Os alunos estudam pouco, passam de ano com facilidade, tiram nota com pouco esforço, e outras características. Em contraponto, na escola da rede privada, onde há um ensino de melhor qualidade, com professores mais empenhados e atividades mais rígidas e dinâmicas, Armandinho não teria condições de obter a mesma nota.

## **6. Conclusão**

Os princípios da cooperação apresentam um novo paradigma de estudo sobre a conversação. Tanto as máximas conversacionais como a violação delas quando necessária geram na fala um conjunto de esforços em que os falantes cooperam entre si para que haja uma comunicação

eficaz.

O contexto é determinante pelo surgimento das implicaturas para que seja possível analisar a fala/conversaço. Na análise das tirinhas cômicas, a relação de humor ocorre justamente quando as máximas conversacionais são infringidas, fazendo com que o ouvinte faça implicaturas na busca de entender o conteúdo inferido das falas dos personagens.

Observa-se na análise das tirinhas que as implicaturas sempre geram humor, devido à inocência da personagem Armandinho e também das demais. Dessa forma, propicia ao leitor detectar as inferências a partir do conteúdo das falas das personagens, as quais estabelecem críticas sociais, e o leitor pode fazer por meio das implicaturas questionamentos a partir do contexto social das tiras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *Caledoscópio*, Unisinos, vol. 4, n. 3, p. 156-178, set/dez.2006.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad.: Danilo. Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinhonho?fref=ts>>. Acesso em: 10-08-2016.

BRITO, Luan Tales de Araujo; ELIAS, Solange da Silva. O trabalho com o subgênero tirinha: o que se fala e o que se cala. VI SEMANA DE LETRAS-UEPB, 2011. Disponível em: <<http://entrechoques.ccha.uepb.edu.br/2012/2011/gt02/gt02T006.pdf>>.

CAMPOS, Josivane do Carmo, CRUZ, Regina Célia Fernandes. Levantamento dos elementos paralinguísticos de fala espontânea: proposta preliminar de uma anotação padrão. *Revista Científica da UFPA*. Disponível em: <[http://www.cultura.ufpa.br/rcientifica/artigos\\_cientificos/ed\\_08/pdf/josivane\\_carmo.pdf](http://www.cultura.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/josivane_carmo.pdf)>.

COSTA, Jorge Campos da. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Disponível em:

<<http://www.pucrs.br/edipucrs/arelevanciadapragmatica.pdf>>.

ESPÍNDOLA, Lucienne Claudete. Pragmática da língua portuguesa. In: \_\_\_\_\_. *A pragmática da filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p6/p6\\_6.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p6/p6_6.pdf)>.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à linguística II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 161-177.

GONZALEZ, Marcos. Uma leitura pragmática da informação. GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XIII ENAN-CIB 2012*. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/236026741\\_Uma\\_leitura\\_pragmatica\\_da\\_informacao](https://www.researchgate.net/publication/236026741_Uma_leitura_pragmatica_da_informacao)>.

GRICE, Herbert Paul. *Lógica e conversação*. Trad.: João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*, vol. 4. Campinas: Unicamp, 1982.